

4º TRIMESTRE  
2023

PORTU  
GUESE  
SHOES  

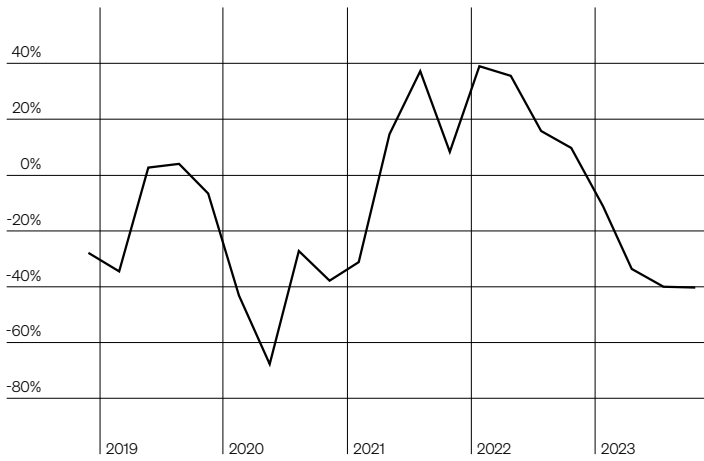
---

APICCAPS

ANÁLISE  
TRIMESTRAL  
DE CONJUNTURA  
À INDÚSTRIA DE  
CALÇADO

No último trimestre de 2023, não se assistiu ainda à inversão da tendência de degradação da conjuntura que tem afetado toda a indústria europeia de calçado: no conjunto dos 27 estados-membros da União Europeia, o nível de produção situou-se 15,5% abaixo do registado um ano antes.

No mesmo sentido, os resultados do inquérito realizado pela APICCAPS à indústria nacional evidenciam uma evolução negativa relativamente ao nível de produção, às encomendas e ao emprego, embora as empresas de maior dimensão apresentem indicadores mais favoráveis. Uma ligeira tendência de subida dos preços é a principal exceção a este padrão. A insuficiência de encomendas, principalmente dos mercados internacionais, é atualmente o foco das preocupações da indústria, embora uma percentagem significativa de empresas mencione também o preço e abastecimento de matérias-primas. Apesar desta situação, a maioria das empresas considera que o estado dos negócios é suficiente. Para o início de 2024, as perspetivas das empresas permanecem negativas, mas indiciam algum desagravamento face aos trimestres mais recentes.



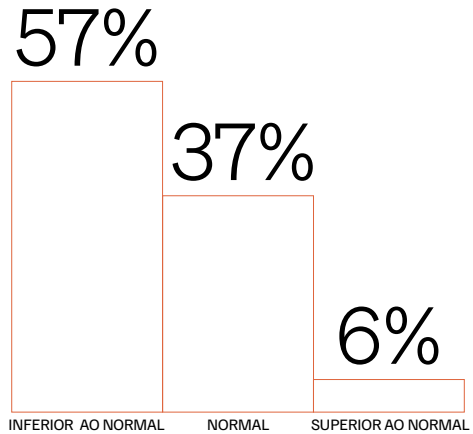
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

## PRODUÇÃO

No último trimestre de 2023, persistiram as tendências desfavoráveis sentidas ao longo de todo o ano. A maioria das empresas (54%) indicaram uma diminuição da produção face ao trimestre anterior, embora quase um terço tenha declarado que o seu nível de produção permaneceu estável. O saldo de respostas extremas (s.r.e.) manteve-se negativo em -40 pontos percentuais (p.p.). As empresas com mais de 250 trabalhadores foram as únicas com s.r.e. positivo.

## UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE

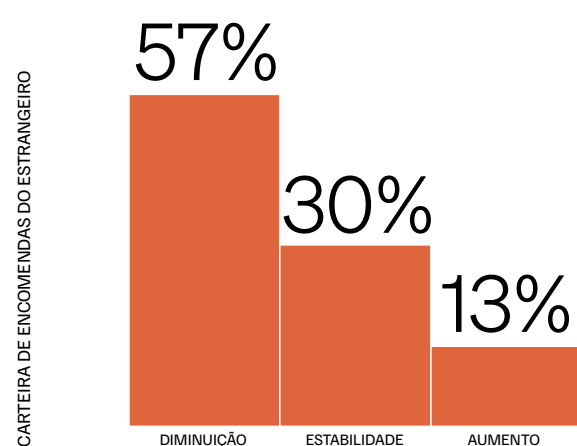
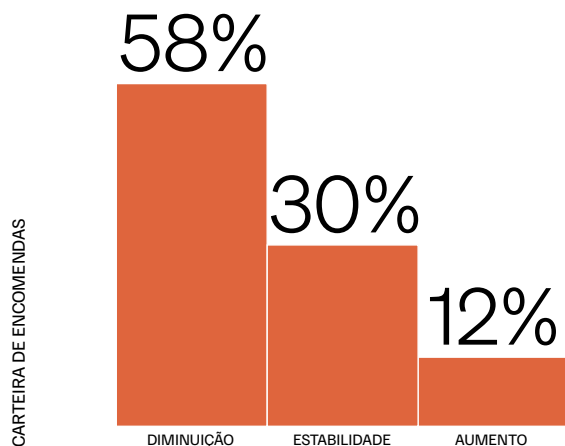
As respostas relativas ao nível de utilização da capacidade produtiva denotam alguma melhoria em relação ao trimestre anterior, com um aumento da percentagem de empresas que dizem que esse nível se encontra acima do normal para a época do ano e uma diminuição da percentagem das que dizem o inverso. Ainda assim, apesar de ter melhorado 15 p.p. face ao terceiro trimestre, o saldo de respostas extremas atinge -51 p.p.



## CARTEIRA DE ENCOMENDAS

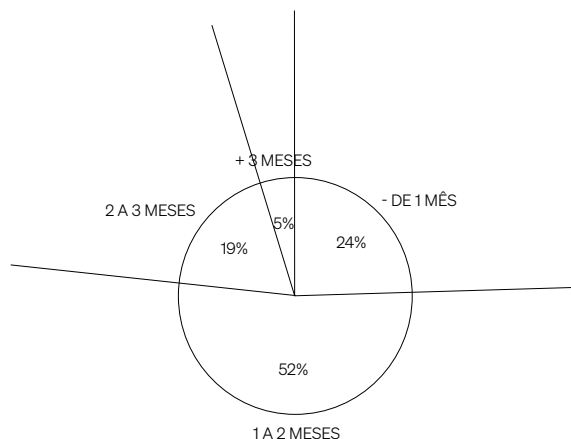
Quanto à carteira global de encomendas não houve, praticamente, evolução em relação ao trimestre anterior, embora tenha aumentado em 1 p.p. tanto a percentagem de empresas que agora referem que a carteira está estável (30%) como a das que indicam que aumentou (12%), gerando um s.r.e. de -46 p.p., ligeiramente melhor do que o do trimestre passado (-49 p.p.). As empresas de muito grande dimensão foram as únicas para quem a carteira teve uma evolução positiva.

O saldo foi quase idêntico no que respeita às encomendas vindas do estrangeiro, apenas diferindo em mais 1 p.p. na indicação de aumento das encomendas e menos 1 p.p. na sua diminuição. Apesar de, também, apresentarem saldos negativos, as empresas orientadas predominantemente para o mercado nacional registaram uma evolução das encomendas menos desfavorável do que as restantes.



## HORIZONTE

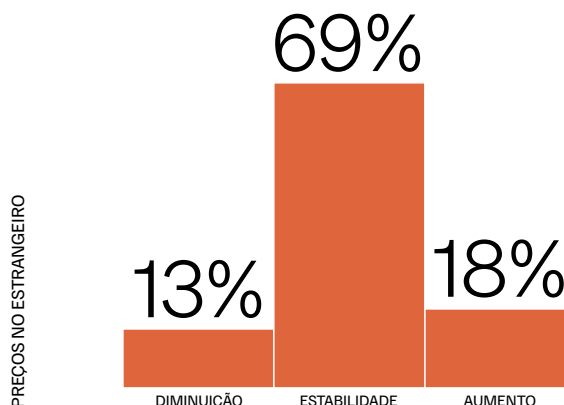
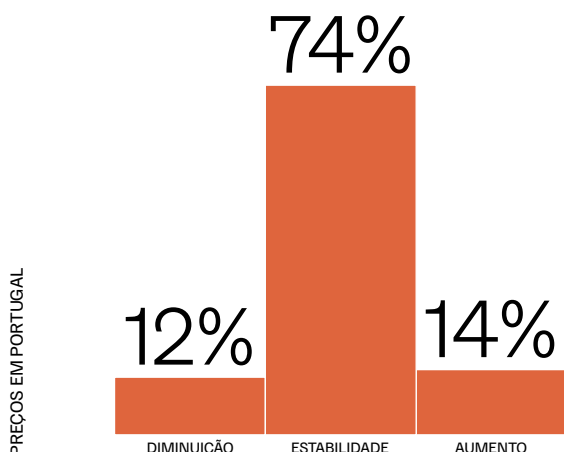
Em relação aos dois últimos trimestres, registou-se uma diminuição considerável na percentagem de inquiridas que dizem que as encomendas em carteira lhes asseguram menos de um mês de atividade. São agora cerca de um quarto do total (no 2º e 3º trimestres eram 31%). No entanto, diminuiu igualmente a percentagem das que dizem ter encomendas para dois meses ou mais. A maioria das empresas (52%) refere agora ter em carteira encomendas suficientes para um a dois meses de atividade. Nesta matéria, as empresas de maior dimensão apresentam a situação mais favorável.



## PREÇOS

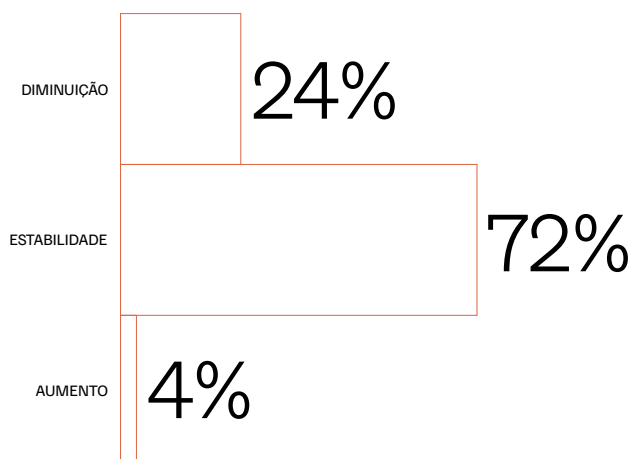
As respostas das empresas indicam que, nos últimos três meses do ano, se verificou uma ligeira tendência de subida dos preços do calçado. Embora a larga maioria dos inquiridos afirmem que os preços permaneceram estáveis, tanto em Portugal (74%), como no estrangeiro (69%), as empresas que dizem que os preços subiram são mais do que as

que afirmam que desceram: o saldo de respostas extremas é de +2 p.p. no que respeita ao mercado português e de +5 p.p. nos mercados estrangeiros. Como noutros aspetos, as empresas de maior dimensão apontam para uma evolução dos preços mais favorável do que as restantes.



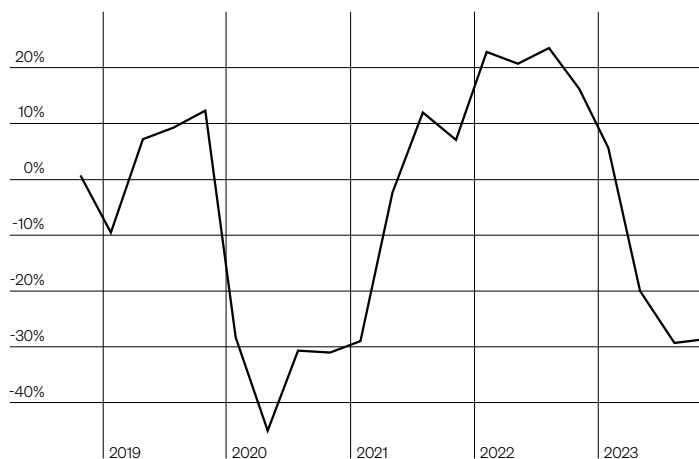
## PESSOAS AO SERVIÇO

Apesar do cenário adverso, quase três quartos das empresas afirmam que o seu nível de emprego não se alterou. Porém, a tendência continua a ser para uma redução do emprego na indústria uma vez que, entre as restantes, foram mais as que indicaram uma diminuição do número de pessoas ao serviço do que as que referiram o contrário (s.r.e. -20 p.p.). É apenas entre as empresas mais pequenas que se encontram casos de aumento do número de trabalhadores.

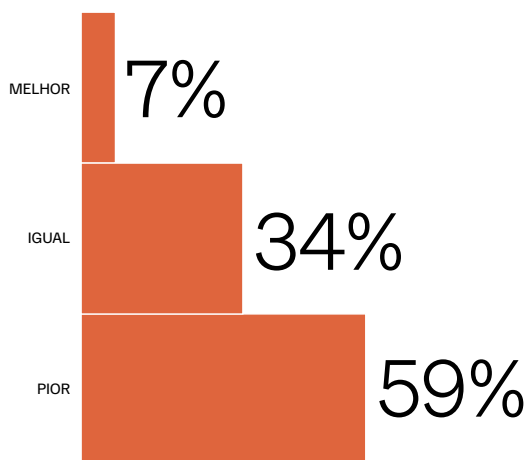


## ESTADO DOS NEGÓCIOS

A apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios mantém-se idêntica à do terceiro trimestre: a maioria (55%) considera que foi suficiente. O saldo de respostas extremas manteve-se negativo (-29 p.p.), tendo, contudo, sido bastante mais favorável do que as previsões formuladas no final do trimestre anterior (-41 p.p.).



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

A degradação da conjuntura é visível quando as empresas são chamadas a comparar a atual situação dos negócios com o mesmo período do ano anterior: mais de metade dos inquiridos (59%) afirmam que a situação está pior e apenas 7% consideram que se verifica uma melhoria. Embora acentuadamente negativo (-52 p.p.), o saldo de respostas extremas melhorou 5 p.p. face ao trimestre passado.

As empresas com mais de 250 trabalhadores são a exceção à apreciação negativa sobre o estado atual dos negócios, dominante na indústria portuguesa de calçado, sendo as únicas que apresentam um s.r.e. positivo (+17 p.p.). Nos restantes escalões de dimensão, o saldo é negativo, não mostrando nenhuma relação evidente o número de trabalhadores da empresa.

ORIENTAÇÃO NACIONAL	41%	50%	9%
	PIOR	IGUAL	MELHOR
MODERADAMENTE EXPORTADORAS	38%	62%	
	PIOR	IGUAL	
FORTEMENTE EXPORTADORAS	40%	48%	12%
	PIOR	IGUAL	MELHOR
TOTALMENTE EXPORTADORAS	83%		17%
	IGUAL		MELHOR

## LIMITAÇÕES À PRODUÇÃO E VENDAS

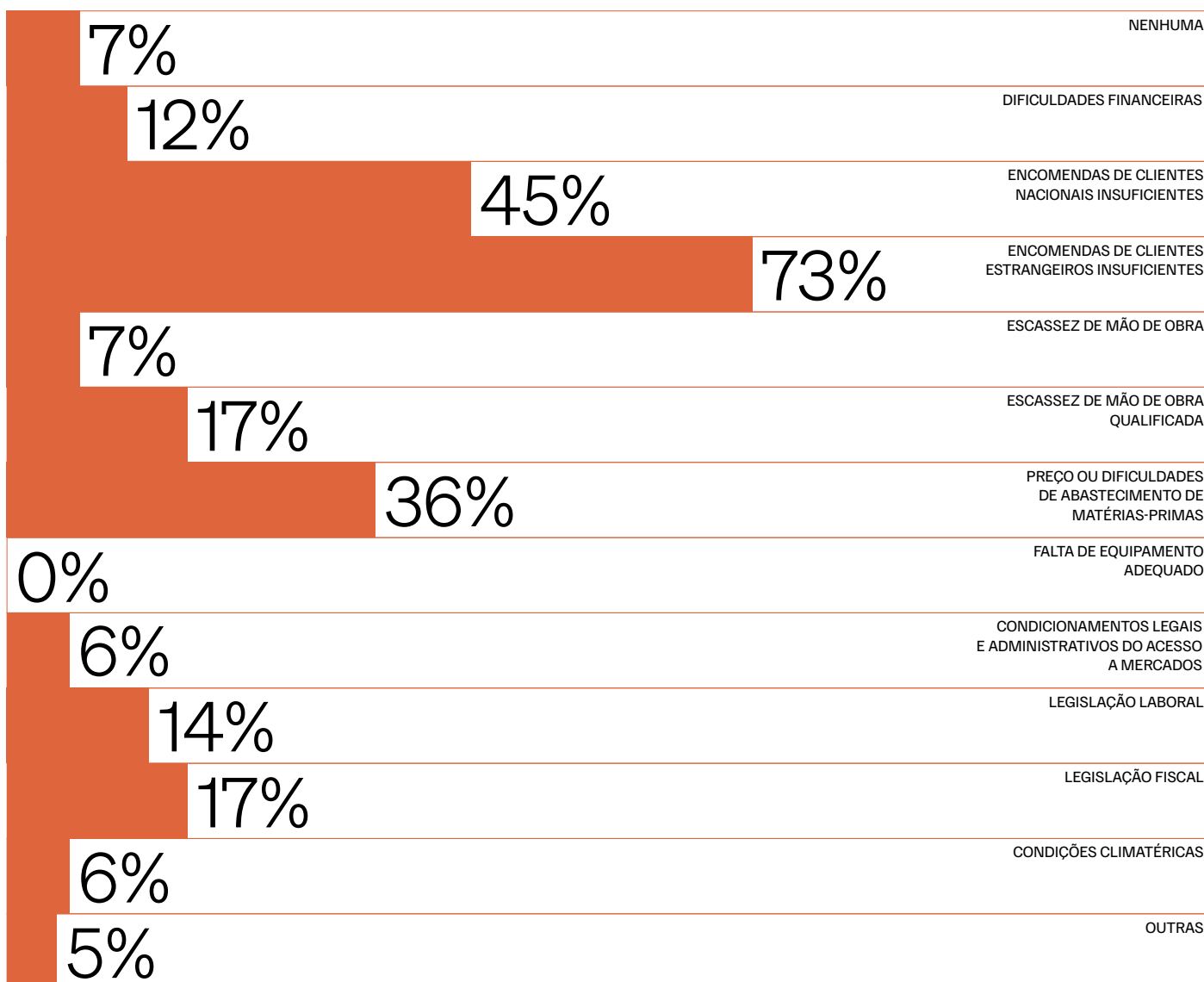
A escassez de encomendas de clientes estrangeiros domina as preocupações empresariais, sendo mencionada por 73% das empresas, percentagem apenas ligeiramente inferior à do trimestre anterior (76%). Esta preocupação é comum a todo o tipo de empresas, independentemente da sua dimensão ou vocação exportadora. Em segundo lugar mantém-se a preocupação com o número insuficiente de encomendas vindas de clientes nacionais, que aumentou 1 p.p. (de 44% para 45%), face ao trimestre passado.

Apesar da evolução negativa da produção, registou-se um ligeiro aumento das referências ao preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas que passaram de 34% para 36%. Já o abastecimento de outros fatores de produção não é motivo de preocupação para um

número significativo de empresas. Nenhum inquirido se referiu à falta de equipamento adequado e as referências à escassez de mão-de-obra caíram para 7%, o nível mais baixo dos últimos três anos. No entanto, 17% das empresas mencionam a escassez de mão-de-obra qualificada.

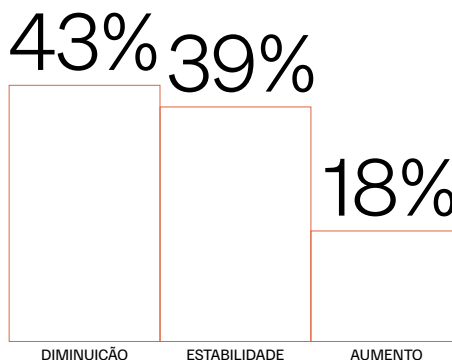
As referências às condições climatéricas, que no trimestre passado tinham registado uma subida acentuada, reduziram para menos de metade (passaram de 14% a 6%).

Em sentido positivo, a percentagem de empresas que dizem não enfrentar nenhuma dificuldade aumentou de 3%, no terceiro trimestre, para 7%. Em contrapartida, a das que afirmam enfrentar dificuldades financeiras subiu de 8% para 12%.



### TENDÊNCIA DA PRODUÇÃO

Embora permaneçam negativas, as perspetivas para a evolução da produção apresentam uma melhoria notória face ao trimestre agora terminado: a maioria das empresas acredita que a sua produção no primeiro trimestre de 2024 irá estabilizar (39%) ou aumentar (18%). O saldo de respostas extremas melhora acentuadamente, passando de -50 p.p. no trimestre anterior para -25 p.p. agora. As empresas de maior dimensão estão marcadamente otimistas.



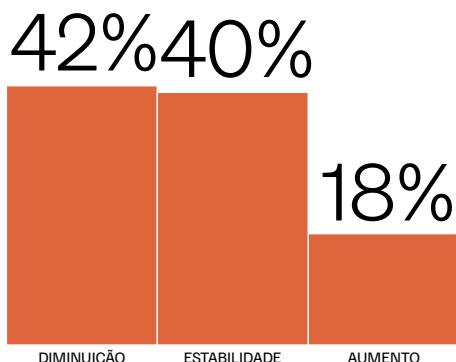
PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

### PERSPETIVAS DE ENCOMENDAS

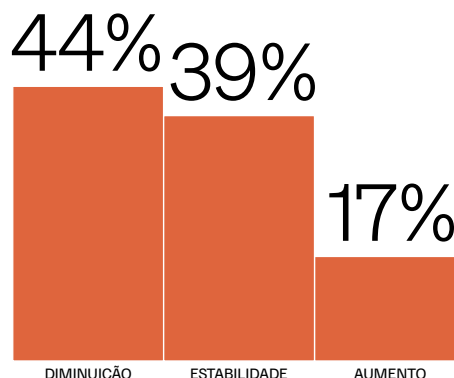
As perspetivas para a carteira de encomendas, global e do estrangeiro, têm uma evolução muito semelhante às da produção: em ambos os casos, a opinião da maioria dos inquiridos é de estabilização ou aumento da sua carteira. Os respetivos saldos de respostas extremas são de -24

p.p. e -27 p.p., o que revela uma acentuada melhoria face aos valores próximos de -50 p.p. registados no trimestre anterior. Embora negativos, os s.r.e. das empresas que vendem maioritariamente para o mercado nacional são menos acentuados.

PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



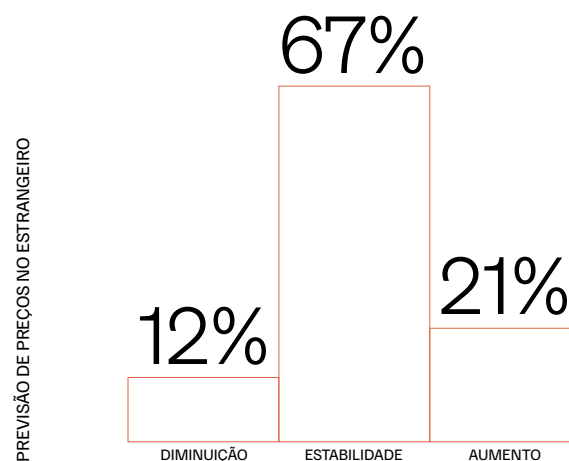
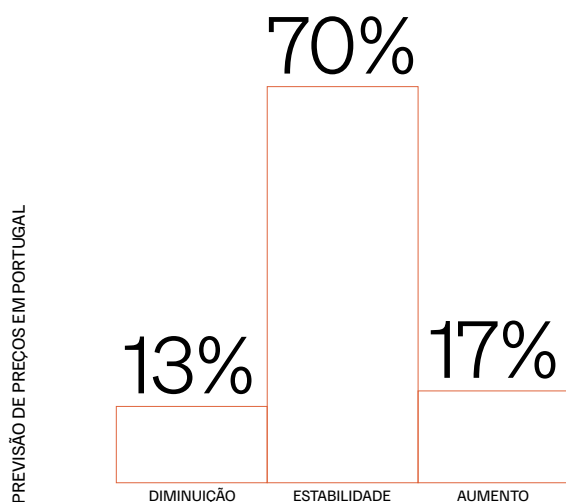
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



## PERSPETIVAS DE PREÇOS DE VENDA

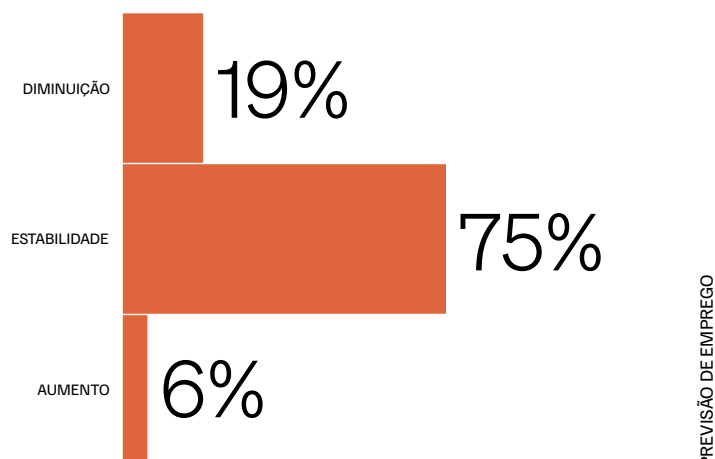
A larga maioria das empresas prevê que, no próximo trimestre, os preços de venda estabilizem, tanto em Portugal (70%) como no estrangeiro (67%). Verifica-se, contudo, uma melhoria nas previsões das empresas, tanto no mercado nacional, como no internacional, que sugere uma ligeira tendência de crescimento dos preços. Os saldos de respostas extremas

são positivos em +4 p.p. e +9 p.p., respetivamente. Excecutoando a previsão formulada pelas empresas médias para o mercado nacional, a dimensão é um fator influenciador das respostas das empresas: quanto maiores, mais otimistas são as suas previsões.



## PERSPETIVAS SOBRE O EMPREGO

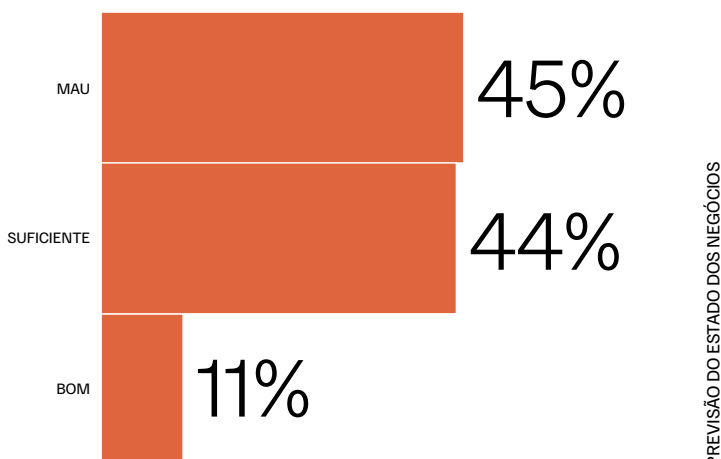
As perspetivas para a evolução do emprego mantêm-se praticamente inalteradas face ao trimestre anterior. Três em cada quatro empresas esperam manter o número de pessoas ao seu serviço e o saldo entre as que acreditam que o irão reforçar ou diminuir é de -13 p.p. Nesta matéria, as grandes empresas mostram-se menos pessimistas, com maior percentagem de indicações de aumento do emprego e s.r.e. menos negativo.





### PERSPETIVAS SOBRE O ESTADO DOS NEGÓCIOS

As previsões para o estado dos negócios são mais favoráveis do que as formuladas no trimestre anterior. A maioria dos inquiridos perspetivam que o estado dos negócios será bom (11%) ou suficiente (44%), gerando um saldo de respostas extremas que, apesar de negativo, evoluiu favoravelmente. No entanto, a expectativa das empresas é de que o estado dos negócios no primeiro trimestre de 2024 seja pior do que o verificado no primeiro trimestre do ano anterior.



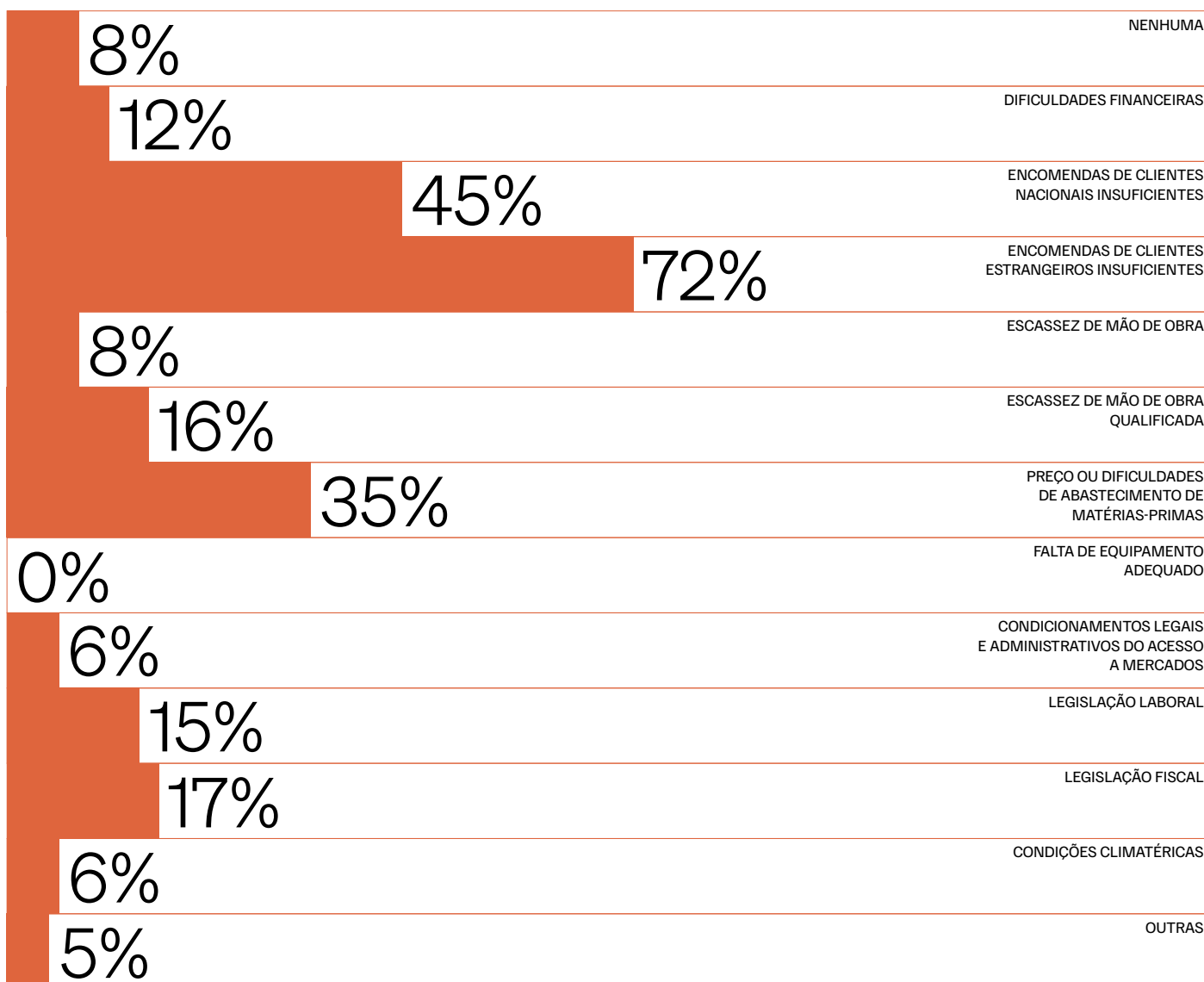
As empresas de grande dimensão são as únicas que formulam previsões favoráveis quanto ao estado dos negócios, apresentando um s.r.e. positivo de 17 p.p. Todas as outras apresentam saldos de respostas extremas negativos. No que respeita à comparação com o mesmo período do ano anterior, todas as categorias de empresas apresentam s.r.e. negativos, variando entre -33 p.p. (muito grandes empresas) e -63 p.p. (empresas totalmente exportadoras).

PEQUENAS EMPRESAS	53%		35%	12%
	PIOR		IGUAL	MELHOR
MÉDIAS EMPRESAS	48%		47%	5%
	PIOR		IGUAL	MELHOR
GRANDES EMPRESAS	44%		44%	12%
	PIOR		IGUAL	MELHOR
MUITO GRANDES EMPRESAS	83%			17%
	IGUAL			MELHOR

## LIMITAÇÕES PREVISTAS

As limitações que se perspetivam para o início de 2024 não divergem daquelas com que as empresas se confrontaram no período em análise. A maior dificuldade continuará a ser a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, mencionada por 72% das empresas, uma redução de apenas 1 p.p. face ao registado no quarto trimestre. Segue-se a insuficiência de encomendas nacionais, que preocupa exatamente o mesmo número de empresas (45%) que no trimestre anterior. Na terceira posição, mencionado por um pouco mais de um terço das empresas (35%), surge o preço e dificuldades de abastecimento de matérias-primas.

Com mais de 10% de referências, encontram-se ainda a legislação fiscal (17%) e laboral (15%), a escassez de mão-de-obra qualificada (16%) e as dificuldades financeiras (12%). As restantes dificuldades são bastante menos mencionadas, sendo de referir que nenhuma empresa prevê ter dificuldades com a falta de equipamento adequado. Como nota positiva, é de assinalar que 8% das empresas esperam não enfrentar qualquer dificuldade neste início de ano, a percentagem mais elevada desde o início de 2021.



DIFICULDADES PREVISTAS PARA O PRÓXIMO TRIMESTRE

## NOTAS DE CONJUNTURA

Os sinais de degradação da conjuntura setorial na indústria portuguesa de calçado evidentes nas páginas anteriores refletem o que se passa, de uma forma mais alargada, em toda a Europa. De acordo com o Eurostat, o índice de produção da indústria de calçado dos 27 membros da UE situava-se, no último trimestre de 2024, 15,5% abaixo do nível registado um ano antes. Em Espanha e Itália, as quebras eram, respetivamente, de -16,0% e -14,6%. E, fora da UE, na Turquia, o índice de produção caiu 13,6% no mesmo período. As variações são menores quando avaliadas em relação ao terceiro trimestre de 2024: neste caso, a variação no conjunto da UE foi de 0,4%, com um crescimento de 0,4% em Itália e uma quebra de -3,9% em Espanha. Na Turquia, a quebra face ao trimestre anterior foi de -4,6%.

Tal como os dados anteriormente apresentados para a indústria portuguesa, as estatísticas europeias apontam para que os preços do calçado no produtor tenham crescido ligeiramente no último trimestre de 2024: no conjunto da UE, terão aumentado 0,7% em relação ao trimestre anterior e 5,2% por comparação com o mesmo período do ano anterior. O crescimento dos preços abrandou progressivamente ao longo do ano.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, no conjunto do ano de 2023, o Produto Interno Bruto português cresceu 2,3% em relação ao ano anterior. Este valor representa um considerável abrandamento face aos 6,8% alcançados em 2023 que, no entanto, se explicavam ainda pela recuperação das quebras excecionais ocorridas durante a pandemia. Depois de um crescimento significativo no primeiro trimestre de 2024 (1,5%), a economia portuguesa tinha praticamente estagnado no segundo (0,1%) e no terceiro (-0,2%), mas no quarto trimestre deu-se uma retoma da atividade que permitiu um crescimento de 0,8% face ao período anterior.

Para o corrente ano, e para os seguintes, a Folha Trimestral de Conjuntura do NECEP da Universidade Católica Portuguesa apresenta as seguintes previsões:

“O ponto central da estimativa de crescimento da economia portuguesa permaneceu em 1.0% para 2024, fruto da base exigente do primeiro semestre de 2023 e não tanto de uma deterioração adicional da conjuntura. A queda do Governo no passado mês de novembro e a convocação de eleições para março deste ano não altera o essencial do cenário macroeconómico. Os fatores mais relevantes continuam a ser as taxas de juro crescentes e a fragilidade da atividade económica na zona euro, em particular na Alemanha. A possível melhoria do investimento, após um fraco desempenho em 2023,

pode ser insuficiente para compensar o baixo crescimento das exportações, agora que atividade turística parece ter regressado à trajetória pré-pandémica.

Para 2025 e 2026, os pontos centrais para o crescimento anual são, respetivamente, de 1.5% e 2.0%, refletindo o regresso ao crescimento potencial histórico da economia portuguesa no final do horizonte de projeção, altura em que os efeitos positivos da recuperação pós-pandémica e os efeitos adversos da inflação elevada e da subida dos juros se poderão ter dissipado.”

NECEP/CEA/CLSBE/UCP – Folha Trimestral de Conjuntura nº 75 (Ano XIX) –  
4º trimestre 2023

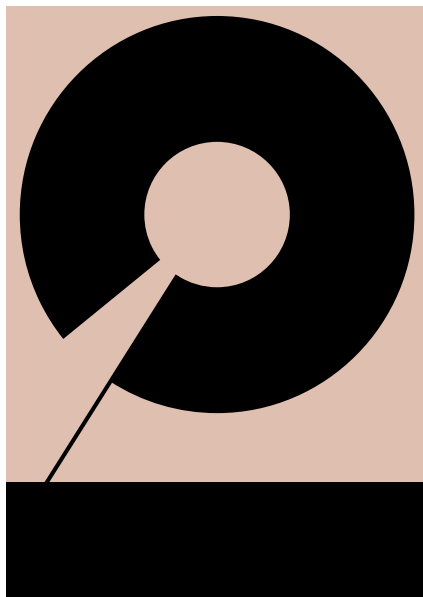
Em janeiro, o Fundo Monetário Internacional reviu em alta as previsões que tinha formulado em outubro para a economia mundial:

“O crescimento global é projetado em 3,1 por cento em 2024 e 3,2 por cento em 2025, com a previsão para 2024 0,2 pontos percentuais mais alta do que a do Relatório de Perspetivas Económicas Mundiais (WEO) de outubro de 2023, devido a uma resiliência maior do que o esperado nos Estados Unidos e em várias grandes economias emergentes e em desenvolvimento, bem como ao apoio fiscal na China. No entanto, a previsão para 2024-25 está abaixo da média histórica (2000-19) de 3,8 por cento, com taxas de juros elevadas pelos bancos centrais para combater a inflação, uma retirada de apoio fiscal no contexto de alta dívida pesando sobre a atividade económica e baixo crescimento subjacente da produtividade. A inflação está a cair mais rápido do que o

esperado na maioria das regiões, beneficiando da resolução de questões de oferta e política monetária restritiva. A inflação global esperada é de 5,8 por cento em 2024 e de 4,4 por cento em 2025, com a previsão de 2025 revista para baixo. (...)

Prevê-se que o crescimento na zona do euro recupere da sua baixa taxa de cerca de 0,5 por cento em 2023, que refletiu uma exposição relativamente alta à guerra na Ucrânia, para 0,9 por cento em 2024 e 1,7 por cento em 2025. Um consumo doméstico mais forte, à medida que os efeitos do choque nos preços da energia diminuem e a inflação cai, apoiando o crescimento do rendimento real, deverá impulsionar a recuperação.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, janeiro de 2024



# APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,  
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

